

CADERNO TÉCNICO & CIENTÍFICO

Nº 106
SET/OUT
2015

VOLUME
96

A IMPORTÂNCIA DA LEI DE COTAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Página 2



AS REDES SOCIAIS SOB O FOCO DA ACESSIBILIDADE

Página 5

AUMENTO DA LONGEVIDADE COMO DEMANDA PARA OFERTA DE CURSOS PARA CUIDADORES DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Página 3



A IMPORTÂNCIA DA LEI DE COTAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Por Flávio Gonzalez

O Brasil celebra, em 24 de julho, o 24º ano da “Lei de Cotas”, que estabelece, nas empresas privadas com 100 ou mais empregados, uma representação de 2% a 5% de pessoas com deficiência do total de contratados. A lei não cria privilégios, mas corrige possíveis desvantagens, visando a equiparar oportunidades. Este foi um marco importante, que vem aos poucos mudando o cenário de injustiças cometidas contra pessoas com deficiência. Segundo o IBGE, elas representam 24,5% da população brasileira, contabilizando mais de 45 milhões de pessoas.

Os dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), de 2013, apontam que dos 49 milhões de trabalhadores formais do Brasil, apenas 357 mil são pessoas com deficiência, incluindo pessoas com Transtorno do Espectro Autista, que passaram, a partir da Lei 12.764, de 2012, a ser consideradas pessoas com deficiência para fins de direitos.

Não há dúvida de que, em relação ao passado recente, temos muito a comemorar. No entanto, o número de trabalhadores com deficiência representa menos de 1% do total de empregados do País – contra uma população que, como dissemos, representa 24,5% da população total. Mas, por qual razão, apesar das importantes e frequentes ações do Ministério do Trabalho e Emprego e do Ministério Público do Trabalho, este número ainda é tão reduzido? Esta pergunta se torna ainda mais relevante quando constatamos que, nos últimos oito anos, o quadro tornou-se praticamente inalterado. A resposta pode estar em diversos fatores – como o cenário estrutural e conjuntural da economia –, mas haverá outros?

A APAE DE SÃO PAULO, que há 54 anos atua no atendimento a pessoas com Deficiência Intelectual, acredita que a metodologia para a inclusão destes profissionais, no Brasil, não tem sido eficaz. Apesar disso, a Organização

tem ampliado, ano a ano, suas ações na área. Com base na Metodologia do Emprego Apoiado, utilizada com sucesso na Europa, no Japão, Canadá e Estados Unidos, a APAE DE SÃO PAULO triplicou suas inclusões, passando da média anual de 90 pessoas, em 2012, para atuais 300 pessoas. Não se trata de mágica, mas da utilização de uma tecnologia social adequada, que vem aos poucos ganhando espaço no Brasil.



O Emprego Apoiado pressupõe que qualquer pessoa pode trabalhar desde que sejam oferecidos os apoios necessários, articulados pela mediação de profissionais qualificados. O êxito na aplicação deste programa pela APAE DE SÃO PAULO tem despertado o interesse de empresas, que têm encontrado nesta ação uma alternativa importante diante das dificuldades para cumprir os dispositivos legais sem serem penalizadas.

A Organização acredita que as 357 mil pessoas com deficiência que atualmente trabalham, em sua maioria, são aquelas que não precisam de apoio, sendo, portanto, um número reduzido que, disputadas pelas empresas que trabalham para cumprir a cota, migram de um emprego para o outro, sem que o crescimento do número de pessoas incluídas seja ampliado significativamente.

Claro que existem inúmeros fatores, como as chamadas barreiras atitudinais, forjadas a partir de preconceitos históricos e presentes no imaginário coletivo, que são apontadas como o maior obstáculo à inclusão. Mas, o desconhecimento de ferramentas já testadas e validadas em países desenvolvidos contribui diretamente para que este cenário não mude.

Robert Zoellick, ex-presidente do Banco Mundial, disse, em 2011, que “cuidar da saúde, da educação, do emprego e de outras necessidades de desenvolvimento das pessoas com deficiência é fundamental para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio até 2015”. Enfim, 2015 chegou e pergunta-se: como estamos? Há que se celebrar os avanços, mas a realidade é que as pessoas com deficiência continuam, em sua maioria, desempregadas. Esperamos que metodologias como a do Emprego Apoiado, aliadas a ações consistentes de defesa e garantia de direitos, não sejam direitos apenas de pessoas com deficiência, mas de toda sociedade brasileira e, portanto, possam nos ajudar a atingir patamares mais amplos de civilidade, desenvolvimento humano, econômico e social.



Flávio Gonzalez é psicólogo, Supervisor de Qualificação e Inclusão da APAE DE SÃO PAULO com 20 anos de atuação na inclusão profissional de pessoas com Deficiência.

ACESSE NOSSO SITE:
www.revistareacao.com

AUMENTO DA LONGEVIDADE COMO DEMANDA PARA OFERTA DE CURSOS PARA CUIDADORES DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Por Wiliam Machado



Sabe-se que 23,9% da população brasileira têm algum tipo de deficiência, de acordo com o Censo do IBGE de 2010. Em 2010, 8,3% da população brasileira apresentava pelo menos um tipo de deficiência severa, sendo: 3,45% com deficiência visual severa; 1,12% com deficiência auditiva severa; 2,33% com

deficiência motora severa; e 1,40% com deficiência mental ou intelectual severa.

Considerando que a população brasileira em 2015 soma cerca de 200.000.000 de habitantes, considerando que, em 2010, 8,3% dos brasileiros tinham algum tipo de deficiência severa, considerando que as pessoas com defici-

ência severa precisam ser cuidadas por alguém capaz de suprir suas necessidades humanas básicas, significa afirmar que 16.600.000 brasileiros precisam de políticas públicas voltadas para a oferta regular e sistemática de cursos de cuidadores de pessoas com deficiência no Brasil.

LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)



Flagrante descompasso com essa demanda, interessante perceber que raras iniciativas do poder público nas três esferas de governo, apresentaram propostas consistentes focadas na formação, habilitação, capacitação, de cuidadores domiciliares para pessoas com deficiência severa. A despeito dos indicativos observados no Censo 2010, revelando crescente expectativa de vida da população, inclusive, das pessoas com deficiência.

Nesse ritmo, é bastante comum identificar núcleos familiares com pessoas com paralisia cerebral, síndrome de Down, autismo, surdez, cegueira, passando dos 40, 50, 60 ou mais anos de

idade. Aumento de longevidade que não foi acompanhado pela consecução de meios para a habilitação de membros dessas famílias para o exercício do papel de cuidador principal dessas pessoas em casa.

Hoje, milhões de brasileiras, predominantes cuidadoras principais dos seus filhos, netos, bisnetos, exercem tal função de forma aleatória, porém, corretas pelo embasamento no amor que as move a tão incondicional dedicação. Penso que são dessas fontes que devemos beber conhecimentos para a formulação de conteúdos para cursos de cuidador de pessoas com deficiência severa, considerando serem pautadas no cotidiano e

na vida diária.

A exemplo do que já se faz na conjuntura do Ministério da Saúde, Setor Saúde do Idoso, o fato de se ter instituído política pública a programação, produção de material didático padrão, se consolidou com grande êxito, em milhares de municípios brasileiros, o Curso de Cuidador de Idosos, o mesmo poderia ser realizado no Setor Saúde da Pessoa com Deficiência do MS. Afinal, de que vale a existência de Setor específico no Ministério da Saúde, se não serve as suas causas?

Como gestor público municipal de pasta específica para idosos e pessoas com deficiência ao longo dos últimos seis anos e tanto, creio que a proposição de cursos para formação de cuidadores de pessoas com deficiência severa deva também partir das gestões municipais, pois são nos municípios que as pessoas vivem. Caso não haja pasta específica, os gestores municipais de saúde, assistência social, direitos humanos, ou outras afins, devem assumir o compromisso de suprir essa lacuna.

Destarte, a oferta de tais cursos deveria ser fomentada na estrutura das universidades públicas e privadas, de modo a não permitir que seus programas, docentes, pesquisas, ignorem essa faceta da realidade, além de envolver os estudantes da saúde, ciências sociais, humanas, na sintonia das grandes demandas da sociedade.



Prof. Dr. William César Alves Machado é Secretário Municipal do Idoso e da Pessoa com Deficiência de Três Rios/RJ.
Email: wilmachado@uol.com.br

AS REDES SOCIAIS SOB O FOCO DA ACESSIBILIDADE

Por Lucy Gruenwald e Cristiana Cerchiari



Redes Sociais, ou mídias sociais como também são conhecidas, são aplicações baseadas na Internet que permitem criação e compartilhamento de conteúdo entre grupos de pessoas. Nessa categoria estão, por exemplo, o Facebook, Twitter, LinkedIn, Youtube e Skype.

Essas aplicações surgiram sem muita pretensão (assim como quase tudo na Internet), mas com o tempo, elas evoluíram naturalmente, passando a ocupar um espaço importante na forma como as pessoas se relacionam.

A facilidade para criar e compartilhar conteúdo e constituir grupos de interesse,

a interatividade e a forma ágil de propagar informação e entre os participantes são a base dessas tecnologias. Nas redes sociais, qualquer pessoa tem oportunidade de criar e distribuir conteúdo, desde que tenha uma conexão com a Internet, seja no computador ou em equipamentos móveis como smartphones e tablets.

Organizações de todos os tipos estão aproveitando este novo formato de mídia para se relacionar com seus consumidores, clientes e mesmo funcionários. Conteúdos e serviços específicos podem ser desenvolvidos, gerados e compartilhados por empresas e clientes, governos e cidadãos,

empregados e empregadores, professores e alunos, consumidores e fabricantes, sem os altos custos das mídias tradicionais.

As pessoas com deficiência – que somam 25,5% da população brasileira, segundo o Censo de 2010 do IBGE – não estão alheias a essas mudanças tecnológicas.

O artigo “Social Networking, the Disable View”, da BBC, cita alguns impactos das redes para as pessoas com deficiência:

- Diminuir o sentimento de isolamento, facilitando o contato com amigos, possibilidade de fazer novas amizades, compartilhar informações, dar e receber suporte;
- Juntar forças para lutar contra preconceitos, assinar petições e fazer campanhas políticas de modo a lutar pelos seus interesses e direitos;
- Participar, em igualdade de condições, de aulas e eventos presenciais ou online, contribuindo com suas opiniões. Mesmo em encontros ou reuniões presenciais, a utilização de redes sociais pode permitir, potencializar ou possibilitar a participação de pessoas surdas, com paralisia cerebral ou com dificuldade de fala.

- Acesso a notícias ou avisos instantâneos (ao invés de ter que esperar que sejam transformados em um formato viável);
- Busca de empregos e empregados;
- Acesso e divulgação de produtos e serviços;
- Comunicação facilitada entre pessoas cegas e surdas, já que o contato visual não é necessário.

Como as pessoas com deficiência acessam as redes sociais?

Para que as pessoas com deficiência possam efetivamente acessar as redes so-

ciais, são necessárias, basicamente, duas coisas: ter no computador (ou equipamento móvel) a tecnologia assistiva mais adequada às suas necessidades instalada nesse equipamento. Leia no nosso site, www.lbgaccessibilidade.com.br, o artigo “Tecnologias Assistivas no Ambiente Corporativo”, onde discutiremos sobre este assunto.

Contudo, apenas permitir o acesso dessas pessoas às redes sociais não é suficiente. É fundamental garantir o acesso com qualidade. Quem oferece essas redes também precisa fazer sua parte. Como elas são baseadas em tecnologia web, é imprescindível que atendam aos requisitos de acessibilidade. Eis alguns exemplos de barreiras impostas pela falta de acessibilidade nas redes sociais:

- Uso de captchas (letrinhas tortas em formulários) para fazer login (muitas redes já eliminaram esta barreira atendendo a inúmeras reclamações de usuários);
- Falta de marcações para localizar rapidamente as diferentes sessões;
- Contrastes de cores insuficientes ou inadequados;
- Impossibilidade de navegar por todos os itens via teclado;
- Impossibilidade de operar as funcionalidades via teclado, como por exemplo, silenciar ou alterar o volume rapidamente de um áudio ou vídeo, já que a voz sintetizada dos programas leitores de tela “concorre” com este som;
- Falta de recurso para incluir textos equivalentes nas imagens e audiodescrição. Impossibilidade de incluir legendas em vídeos, o que impede as pessoas surdas e com deficiência auditiva terem acesso ao conteúdo.

Como as empresas das redes sociais estão abordando as questões de acessibilidade

Em geral, as redes sociais “nasceram” bastante inacessíveis. Até 2008, por exemplo, era preciso usar uma versão “paralela” do Facebook, mais acessível às pessoas com deficiência. Um trabalho conjunto

com a American Foundation for the Blind (AFB) melhorou bastante a acessibilidade do Facebook e, em 2011, a empresa criou um grupo de trabalho interno, especificamente para assegurar a acessibilidade do produto e criar empatia da equipe de engenheiros com o tema. Jeff Wieland, o líder do time, comentou, na conferência CSUN de San Diego em 2014 (na qual estive-mos presentes), que o seu maior desafio é conscientizar os desenvolvedores quanto às questões de acessibilidade, visto que as Universidades, mesmo as mais importantes, não estão incluindo em seus currículos o tema. Para suprir essas deficiências, o grupo faz um trabalho intensivo de treinamento e de controle de qualidade sobre tudo que é desenvolvido.

Felizmente, outras empresas de redes sociais também têm se tornado mais conscientes em relação à acessibilidade de seus produtos e criado grupos dedicados ao tema. Desse modo, pode-se notar que a acessibilidade nas redes sociais tem evoluído gradativamente.

Considerações sobre a acessibilidade das principais redes sociais:

FACEBOOK: É a maior rede social do momento. É usada principalmente para interação pessoal - para manter contato com os amigos. O usuário pode criar seu perfil, adicionar outros como amigos, trocar mensagens de texto, incluir fotos ou vídeos, participar de grupos de interesse, seguir organizações particulares ou até mesmo jogar com os amigos.

O Facebook é relativamente acessível, especialmente na versão para equipamentos móveis por ter uma interface mais simplificada. Possui vários recursos de acessibilidade que podem ser encontrados na sua página “Central de Ajuda”, que contém informações sobre os atalhos de teclado para navegar entre as diversas sessões, como Feed de Notícias, Anúncios, Solicitação de amizade etc.; atalhos para Curtir, Descurtir, Comentar e Compartilhar notícias; marcações extras para facilitar a navegação (ARIA

e headers); modo para adicionar legendas em vídeos e fotos, entre outros.

A equipe responsável pela acessibilidade mantém páginas no Facebook (<https://www.facebook.com/accessibility>) e no Twitter (<https://twitter.com/fbaccess>) para informar sobre suas atividades e também para que ela seja facilmente contatada no caso de dúvidas e sugestões do público em geral (páginas em inglês!).

Dicas de como usar o Facebook com o leitor de tela Jaws podem ser encontradas na página “Facebook with Jaws: Tips and tricks for a better experience”.

TWITTER: Rede social muito utilizada e simples, voltada para comunicação pessoal rápida e troca de mensagens textuais curtas (até 140 caracteres). Pode ser muito útil para o envio de mensagens para dar suporte às pessoas com deficiência e ajudá-las a ultrapassar potenciais problemas imediatos.

Por ser baseado em textos simples, o Twitter não apresenta muitos problemas de acessibilidade. A versão para equipamentos móveis tem sido recomendada por ter uma interface mais simplificada.

LINKEDIN: Rede muito usada para compartilhar informações profissionais e manter contatos. Os usuários podem criar e postar seus currículos, adicionar conexões profissionais, participar de discussões e seguir eventos de várias organizações. Podem também fazer recomendações entre si. Excelente ferramenta para procurar emprego ou candidatos, além de manter contato com colegas de outros trabalhos ou escolas.

No tocante à acessibilidade para pessoas com deficiência, o grande inimigo é a quantidade excessiva de informações na tela. Se a hierarquização de informações na rede social não for muito bem definida, torna-se difícil localizar algum conteúdo específico.

No artigo “LinkedIn with JAWS: Tips and tricks for a better experience”, a Freedom Scientific dá dicas sobre como usar o LinkedIn com o leitor de tela Jaws.

SKYPE: Sua popularidade se deve à possibilidade de fazer chamadas com áudio e vídeo de forma gratuita. É preciso ter uma Internet razoavelmente rápida e estável para poder usar bem esse recurso. Tem sido bastante utilizado por empresas e Universidades para fazer entrevistas com candidatos a vagas, especialmente quando estão separados por longas distâncias e o contato pessoal é difícil.

Para as pessoas com deficiência, o Skype pode trazer benefícios significativos. Como comentou um palestrante cego no CSUN: “Viajo muito e sozinho, para dar palestras. Como saber se estou bem vestido e se minha gravata não está torta? Solução: chamar minha esposa pelo Skype assim ela pode visualizar como estou vestido e me dar dicas, sempre que necessário!”. Outro exemplo: usuários de língua de sinais podem se comunicar através de vídeos instantâneos e gratuitos.

O Skype pode ser acessado via computador, smartphone ou tablet. E, geralmente, as versões atuais, na maioria dos equipamentos, são acessíveis e funcionam bem com as tecnologias assistivas. As versões para dispositivos móveis são consideradas mais acessíveis por terem um número menor de opções na tela.

Consulte a página “Que recursos de acessibilidade estão disponíveis no Skype” para mais informações. Os atalhos de teclado para uso do Skype no Windows podem ser encontrados em “O que são teclas de atalho e como usá-las”.

YOUTUBE: Rede exclusivamente focada em vídeos. Pode-se visualizar e fazer downloads de vídeos de forma gratuita, mas para postar é necessário ter uma conta.

Pode-se encontrar informações sobre acessibilidade, inclusive sobre as teclas de atalho, na página “Como usar Youtube com um leitor de tela”. O grande problema do Youtube atualmente é a falta de legendas nos vídeos e o acesso de seus botões de controle via teclado. Enquanto passa o vídeo, os usuários, principalmente os com deficiência visual, ficam procurando os botões, não conseguindo curtir os vídeos, nem os retroceder ou colocá-los para frente. Esse é um problema clássico nos players de vídeos, felizmente já estão aparecendo algumas soluções no mercado. Esperamos que o Youtube resolva este problema em breve.

As redes sociais crescem rapidamente trazendo mudanças sociais e tecnológicas importantes. Ninguém pode ficar excluído dessas mudanças. Daí ser imprescindível avaliar sua acessibilidade, pois a falta dela pode excluir segmentos da sociedade importantes (por exemplo, as pessoas com deficiência).

Para os consumidores, os benefícios de trabalho, socialização, entretenimento e engajamento são significativos, e para as pessoas com deficiência seus benefícios podem ser ainda maiores e mais profundos devido às novas oportunidades de participação na sociedade.

Apesar dos benefícios, ainda encontramos várias barreiras de acessibilidade nas redes. Com a nova abordagem dessas empresas (de contar com uma equipe dedicada a isso) é possível prever que gradativamente estas barreiras serão minimizadas ou até mesmo eliminadas.

Nossa sugestão é que as pessoas com deficiência se aventurem cada vez mais nas redes sociais para se familiarizar e descobrir novas possibilidades. Caso se deparem com falta de acessibilidade, manifestem-se nas próprias redes ou nos canais de comunicação para reclamações disponibilizados por elas! Cabe, também, às pessoas sem deficiência descrever fotos textualmente e inserir legendas sempre que possível. Assim, todos vamos contribuir efetivamente para a criação de redes sociais para todos!

REFERÊNCIAS

- Sociability: Social Media For people with a disability – Media Access Australia <http://www.mediaaccess.org.au/web/social-media-for-people-with-a-disability>;
- “Social Networking, the Disable View”, BBC: http://www.bbc.co.uk/ouch/features/social_network_savvie.shtml;
- “Central de Ajuda do Facebook” <https://www.facebook.com/help/141636465971794/>;
- “LinkedIn with JAWS: Tips and tricks for a better experience” http://doccenter.freedomscientific.com/doccenter2/archives/2014-02-05_LinkedInTips/;
- “Facebook with Jaws: Tips and tricks for a better experience”: http://tcdocumentcenter.com/users/rs25c51746a0cc/FaceBookTips/02_FacebookTipsAndTricks.htm;
- “Que recursos de acessibilidade estão disponíveis para o Skype: <https://support.skype.com/pt-br/faq/FA12371/que-recursos-de-acessibilidade-estao-disponiveis-para-o-skype?q=acessibilidade>;
- “Como usar Youtube com leitores de tela”: <https://support.google.com/youtube/answer/189278?hl=pt-BR>;
- “Tecnologias Assistivas no ambiente Corporativo”: <http://lbgacessibilidade.com.br/artigos.php?codigo=75>.



Lucy Gruenwald é sócia-proprietária da LBG Acessibilidade Digital, consultora, palestrante e pesquisadora sobre acessibilidade digital.



Cristiana Cerchiari é consultora, educadora e palestrante.

Site: www.lbgacessibilidade.com.br
Facebook: [facebook.com/lbgacessibilidade](https://www.facebook.com/lbgacessibilidade)

LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)

O mercado reconhece quem faz a diferença.

**Impulsione sua carreira.
Matricule-se nos Cursos do
Instituto APAE DE SÃO PAULO.**



Cursos Instituto APAE DE SÃO PAULO - 2015

**24/10,
07/11 e
14/11**

**WISC IV
ESCALA DE INTELIGÊNCIA WECHSLER PARA CRIANÇAS**

Carga horária: 20 horas | Participantes: profissionais da área de Educação e Reabilitação.

**07 e
14/11**

**TESTE WASI
ESCALA WECHSLER ABREVIADA DE INTELIGÊNCIA**

Carga horária: 16 horas | Participantes: psicólogos.

**07 e
14/11**

PRÁTICAS DE ARTES INTEGRADAS

Carga horária: 18 horas | Participantes: pedagogos.

**20/11
a 28/11**

**TRANSTORNO DO DÉFICIT DE
ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE - TDAH**

Carga horária: 16 horas | Participantes: pedagogos.

**Saiba mais: (11) 5080-7007
instituto@apaesp.org.br
www.apaesp.org.br/instituto**

